

a obrigações morais. O "Ai dêles!" do evangelho não diz respeito aos que possuem riquezas e sim aos que abusam delas.

Assim, conforme a doutrina católica, a riqueza não prejudica, à face de Deus, o rico, desde que este saiba fazer dela um uso bom, de acordo com o plano da criação. Por sua vez, como disse São Jerônimo, o pobre que, "no lódo e na miséria não evita os pecados", não se tornará "mais recomendável unicamente por causa de sua indigência".

Recorrendo a "obras de caridade", a Igreja se esforça por tornar suportáveis as misérias que, no mundo, resultam das desigualdades sociais por ela sancionadas. Já Agostinho dissera que dar esmolas aos necessitados constitui a principal obrigação dos ricos. Eis por quê, durante toda a Idade-Média, bispos, frades religiosos, dignitários leigos e municipalidades unem os seus esforços, para aliviar os sofrimentos dos pobres graças à fundação de hospitais, hospícios, creches, e às distribuições de alimentos e de roupas.

Durante muito tempo essa atividade caritativa, estimulada e dirigida pela Igreja, foi considerada como suficiente para as necessidades da cristandade. Aconteceu porém que, no correr do décimo terceiro século, de importância tão primordial para todo o ocidente, a obra social da Igreja também caiu na maior confusão. Na proporção em que os espíritos consideravam o ritual católico como insuficiente, para conjurar o medo, por toda parte despertou o sentimento de que, em coisas de caridade, devia ser feito mais do que a distribuição costumeira até então de esmolas tiradas do que era supérfluo.

Nessa época de transição da economia patriarcal feudal para a da grande propriedade e da economia urbana, em que os pobres se tornavam cada dia mais miseráveis, ao mesmo tempo que os ricos viam seu poder e sua fortuna aumentar constantemente, o antagonismo econômico entre pobres e ricos exacerbou-se até chegar ao limite do intolerável. Porém, ainda com mais força do que esta evolução positiva das condições, influiu então sobre a conduta dos homens o fator psicológico da consciência da culpabilidade que, justamente nesse tempo, despertou os grandes movimentos de penitentes e de flagelantes.

"Quem é rico, tem de dar esmolas, construir hospitais, alimentar os famintos, desalterar os que têm sede, vestir os despidos, agasalhar os estranhos e exercer todas as obras de caridade sem exceção." Assim pregava Bertoldo de Ratisbona, e, assim como ele, todos os outros homens que incitavam à contrição e à penitência, reclamavam ao mesmo tempo uma recrudescência de caridade.

Não obstante, persistia a dúvida da origem divina duma ordem que punha em antagonismo tão evidente os ricos, que levavam uma vida de banquetes e de prazeres, e os pobres, que morriam de fome. Desta dúvida nasceu a ânsia de renunciar a seus haveres, para assim, escapar ao perigo confusamente adivinhado de pecar contra a vontade de Deus. Cada vez mais freqüentes se tornavam os casos em que ricos arrepen-

didados já não conseguiam acalmar sua consciência com algumas dádivas e se sentiam impelidos a perdoar todas as dívidas aos seus devedores e a distribuir tudo o que possuíam entre os necessitados.

Juntamente com semelhantes tentativas para atenuar as diferenças sociais ainda empreendidas dentro do catolicismo, e de cima para baixo, fortalecem-se, no declínio da Idade-Média, os movimentos quiliásticos. Justamente o programa que esses movimentos sempre crescentes sonham realizar mostra claramente que as classes inferiores já não aceitam com paciência sua miséria terrena, deixando-se consolar pela promessa duma igualdade e duma filiação divina no além. Um desejo elementar de ver desde já abolidas neste mundo todas as durezas insuportáveis, eis o que se revela nesses sonhos quiméricos dum reino da felicidade, repleto de igualdade e de justiça. Mas, os quiliastas ainda não se atrevem a pensar que o homem seja capaz, graças ao aperfeiçoamento do seu poder, de contribuir para a realização do paraíso terrestre. Sua esperança numa redenção se limita sempre a uma metamorfose e a uma purificação mágica da terra e que tem de se efetuar automaticamente, em virtude duma lei cíclica ou graças à intervenção dum Salvador e Messias mágico, enviado por Deus. E' sempre por uma transformação cósmica independente da influência dos homens que o sofrimento de toda a criação tem de ser extinto. Assim também a vontade insondável de Deus decidiu a grande atribulação que precederá a redenção, e na qual todas as forças más se levantarão, para levar o seu último assalto ao mundo. E' o próprio Deus que quer esta provação, que faz preceder do fim do mundo o advento do seu reino e que faz descer o Messias sobre a terra somente por entre as "Dôres do Eon".

A tudo isso, nada pode o homem contrapor nem ajudar. Afinal, resta-lhe somente o recurso de se preparar para a desdita ou para a felicidade recorrendo aos meios mágicos da penitência, da prece e do sacrifício, levando uma vida pura e pia e observando diversas prescrições e proibições tabús.

Quando John Ball, e posteriormente os "Rebeldes em Cristo", exprimiram a doutrina de que Deus não quer o arbítrio nem o sofrimento, e de que, pelo contrário, são unicamente os homens os culpados pelas injustiças da ordem existente; tal doutrina pela primeira vez convida à luta contra a necessidade social. Doravante o homem já não está na presença duma disposição imutável do "Divino" e sim dum abuso perverso dos homens, fácil de fazer desaparecer, recorrendo apenas às próprias forças. Destarte, é justamente ao homem que incumbe a missão de reformar o mundo corrompido em relação à igualdade de todos.